IBEU Cinqüentão:
A missão de ontem, o desafio de hoje

J. C. Alencar Araripe

Cinqüentenário do Instituto Brasil-Estados Unidos do Ceará. Uma data que sugere muitas lembranças, que desperta recordações adormecidas pelo tempo, que traz à mente o pesadelo de uma conflagração universal, mas projeta na tela da visão a cidade ainda bucólica que Paula Ney, em belo soneto viu dormitar à sombra dos palmares. A 9 de agosto de 1943, em solenidade, à noite, no salão nobre do Palácio do Comércio fundava-se o IBEU.

Sinto até dificuldade para começar, ante o tropel de reminiscências. Não quero afugentá-las, nem seria possível ou recomendável, primeiro porque violentaria uma tendência da idade. Já estamos no pórtico daquela fase em que sentimos saudades das saudades que tivemos, como cantou o sambista. Depois há lições para recolher ao longo da jornada. E esse deve ser o objetivo principal das comemorações cinqüentenárias.

O IBEU nasceu no ano em que ingressei no jornalismo, ajudante de revisor em *O Povo* e repórter no *Estado*. Aluno da Academia do Comércio da Fenix Caixeiral, orador do Grêmio dos Estudantes Fenistas, freqüentador do Círculo de Conversação Inglesa do Prof. Euclides César, vivi intensamente os momentos febris de arregimentação para a luta contra o nazi-fascismo, cuja derrota redundaria, assim acreditávamos, no desmoronamento do Estado Novo, a ditadura brasileira. Impossível conciliar o triunfo da democracia nos campos de batalha, com a participação cruenta dos pracinhas, e a continuidade entre nós do garroteamento da liberdade.

O Brasil entrara na guerra e se transformara, pela posição estratégica do Nordeste, em trampolim para a remessa de homens e armas dos Estados Unidos para o norte da África; bases militares localizavam-se no Cocorote, hoje, Pinto Martins, e no Pici, onde surgiria o campus da Universidade Federal do Ceará; soldados e aviadores norte-americanos entravam na nossa convivência diária e acendiam paixões no mundo feminino, gerando-se logo a figura apelidada de "coca-cola" pelos que afrontavam a concorrência alienígena no campo do namorico ou do relacionamento amoroso

mais demorado; novas unidades do Exército eram acantonadas em Fortaleza; à noite, a cidade guardava black-out como precaução contra ataques aéreos ou de submarinos; a população sofria com o racionamento: mensalmente, alemães, japoneses e italianos, estes, mais numerosos, compareciam à Ordem Política e Social, e lá eu estava, como repórter, para testemunhar e registrar, ao lado do delegado José Valdo Ribeiro Ramos, de trato ameno e cavalheiresco, intelectual de renome, professor que dava aula como se estivesse proferindo um discurso, palavra fluente, dele a gente não perdia nem a vírgula..., o bonde era o transporte coletivo principal e só a incúria governamental permitiria a sua agonia, quando a Europa mantinha esse sistema viário, restaurava-se onde fora destruído, melhorava-o onde não o atingira o flagelo das bombas.

Aproximarmo-nos dos Estado Unidos tornara-se imperativo da beligerância em que nos envolvêramos. Aproximarmo-nos? Sim, porque distâncias enormes separavam os nossos países não só no plano geográfico como no da confluência de interesses. Era muito arraigada a tendência isolacionista ianque, como forte se manifestava o temor dos latinos-americanos com relação ao gigante do norte, gerando-se desconfianças que alentavam mais ainda o sentimento nacionalista. Chegara-se a ridicularizar a associação de qualquer república latina com os Estados Unidos. Imvocava-se, então, uma fábula de La Fontaime sobre a amizade do caldeirão de ferro com o caldeirão de barro. No tocante ao panorama continental, é de rir o quadro debuxado por Eduardo Prado no rumoroso livro *A ilusão americana.*

Não adianta querer tapar o sol com a peneira. A solução de contendas por meio de negociações continua um sonho; a América, como um todo, defrontou-se com a realidade dos conflitos armados, diferenciações existiram e persistem; demonstrações de animosidade são uma constante; ainda agora, um exemplo ilustrativo: mesmo derrotada, para desdita nossa, a seleção de futebol do Brasil precisou do escudo da polícia para retirar-se incólume do estádio de La Paz.

Na emergência da guerra, cumpria-nos, efetivamente, formar com lealdade e determinação ao lado dos Estados Unidos. Era o mínimo a fazer em solidariedade à República do Norte que se transformara em imenso arsenal; que se batia no Pacífico, a fim de

desafrontar a honra ofendida, mas não faltava com socorros à Inglaterra, à África e à União Soviética, aonde chegava até o porto de Murmansk, cruzando rota pejada de perigos no Oceano Glacial Ártico.

O Instituto Brasil-Estados Unidos do Ceará surgiu nesse ambiente. Veio em decorrência do clima que se criara com o objetivo de favorecer, por todos os meios ao nosso alcance, a causa aliada. Tornava-se necessário preservar o *front* interno para que o esforço bélico evolvesse sem atropelo. No plano cultural, concentrou-se a estratégia de comportamento que se aconselhava.

Coube a Jorge Moreira da Rocha a iniciativa da fundação do IBEU. Era dessas pessoas que vestia a roupa dos movimentos em que se enpenhava. Entusiasta, dovotado, batia em todas as portas, não esmorecia no trabalho.Vi-o na redação em várias oportunidades, com ele deparei-me em ocasiões e lugares diferentes, em solenidades públicas vestido como escoteiro, ferveroso adepto que era da organização criada pelo general inglês Baden-Powell, que inspirava nos jovens espírito de equipe, sentido comunitário, liberdade responsável, consciência dos valores éticos. Por aí se pode avaliar o quanto de idealismo ardia no coração do indormido batalhador.

O campo de ação do IBEU era abrangente. Com o tempo, e até hoje, tornou-se maior ainda: dispõe de teatro e galeria de arte, promove festivais de música, de artes plásticas e cênicas, concursos de poesia e competições esportivas; mantém biblioteca com mais de oito mil títulos em português e inglês, à qual têm acesso associados, professores, alunos e pessoas da comunidade que assim o desejarem. A bem dizer, é um centro cultural, com ramificações por cinco pontos distintos de Fortaleza.

Mas o grande trunfo do IBEU foi, com efeito, o ensino do Inglês. Pelo seu pioreirismo, pela seriedade que imprimiu às atividades docentes, pela inalterável preocupação no aperfeiçoamento do professorado com a realização de seminários e cursos, aqui e no exterior. Eis o carro-chefe do IBEU.

Hoje, a Universidade Federal do Ceará mantém as Casas de Cultura; a Universidade Estadual do Ceará possui um núcleo que centraliza o ensino de línguas; disseminam-se os cursos especiais; em 1943, o IBEU foi desbravador, impôs métodos, criou hábitos, estimulou o estudo ordenado, mostrou que, sem disposição e cora-

gem, não se aprende idioma estrangeiro. Despertou, por igual, entre os alunos, curiosidade pela história e a literatura da Inglaterra, dos Estados Unidos da América do Norte, enfim, da comunidade de língua inglesa, língua falada por quase um bilhão de pessoas, para a metade das quais não é língua nativa. E com esta singularidade ressaltada pelo jornalista Fred M. Hechinger, do THE NEW YORK TIMES: "Quando pilotos italianos, voando em aviões italianos, entre cidades italianas, conversam com controladores de tráfego italianos, eles falam em inglês. O mesmo acontece com todos os pilotos do mundo". São observações e citações por mim utilizadas ao apreciar, como relator, no Conselho de Educação do Ceará, pedido do IBEU relativamente à renovação do seu credenciamento para celebração de convênio de intercomplementaridade com estabelecimentos de 1º e 2º graus para lecionar Inglês. Saudei o pleito com efusão porque as escolas públicas e particulares, com raríssimas, exceções, não dão a necessária ênfase ao estudo das línguas. O IBEU, em termos de intercomplementaridade, além de atender às exigências da lei, ainda proporciona ao jovem ambiente em que germina afeição ao Inglês, levando-o a não limitar-se apenas a satisfação do mínimo previsto no currículo do 2º grau. O IBEU é agente de cultura.

A NOVA SEDE

Já passara eu inúmeras vezes pelo local da sua nova sede. A ida à Igreja do Cristo Rei, para funções diversas, desvendaria a construção recente, bem iluminada, o burburinho de grupos jovens que entram e saem. Mas, com franqueza, não lhe dera atenção curiosa, nesta cidade de transformações surpreendentes.

Foi Paulo Ayrton quem me levou ao IBEU da Nogueira Acioly para uma visita gratificante. A partir de garagem no subsolo, com capacidade para estacionamento de 50 carros, sente-se a presença da modernidade. Reencontro velho amigo, Luís Queiroz Campos, com quem convivi de perto, durante vários anos, no Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará. Há dez anos na presidência, não conhece canseiras. Não falta quem suponha que ganha alto, e em dólar. A diretoria não é remunerada, diga-se de passagem. Na sua gestão anterior, comprara o terreno da Nogueira Acioly; na presidência de Paulo Ayrton Araújo, verificou-se o início das obras, que Luís Campos, sem descontinuidade, está ago-

ra terminando. Com ele, sempre prazeroso, percorri as dependências do edifício de três pavimentos, salas de aulas, em número de 30, laboratórios, escritórios da direção e administração, dotados de processamento por computador, e que assegura a racionalidade da gerência de atividades cada vez mais amplas e complexas em face da expansão das matrículas. Nem todas as instalações estavam concluídas, como o teatro, que terá 233 lugares, e a biblioteca com espaço distribuído por três andares. Trabalhava-se porém, com afinco. Detenho-me no frontispício para contemplação da bonita arquitetura.

O IBEU da Nogueira Acioly, a nova sede, enleva-me, não contenho expansões de encantamento. Mas o IBEU da minha benquerença, infindáveis relembranças, é o IBEU da Solon Pinheiro, que frequentei com a intermitência permitida por uma profissão absorvente, como a de jornalista, e que em certa fase, comigo pelo menos, não se detinha nos limites de horários rígidos. Parecia ecoar dentro de mim o conselho de Eça de Queiroz: "Falemos mal, patrioticamente mal, as línguas estrangeiras". Três ou quatro vezes tentei, teimosamente, levar adiante o curso. Na última vez, tinha como colegas jovens que se portavam com respeitosa e gostosa irreverência. Um deles, ao final da aula, a mestra já se adiantara pelo corredor, quando o simpático rapaz me pega pelo braço e me segreda: – Esta professora não é para se botar fora... A minha mulher também sentiu as agradáveis sensações de volta à escola, hoje tão recomendável até como terapia de rejuvenescimento psicológico. Vez por outra, deparava-me em casa com relatos de episódios que me transportavam à época dos filhos nos colégios, a mulher a reclamar de professoras e a expor problemas que a desafiavam. Estudiosa e responsável, era das primeiras nas provas escritas, fraquejava, porém, na prática, acometida de pressão alta, tal o receio que dela se apoderava. Os filhos, estes, quase todos, passaram pelo IBEU com maior ou menor aproveitamento. A minha parte eu cumpri: encaminheios. Almejava que tirassem o atraso do pai. A caçula avantajou-se ao estímulo da perspectiva de ir aos Estados Unidos, como de fato ocorreu, e viver durante meses na companhia de família norte-americana. Estabeleceu-se uma ligação afetiva de duradoura permanência, com reuniões dos dois clãs, uma, aqui em Fortaleza, duas vezes na América do Norte. Em janeiro deste ano, na sala de entrevistas do maior e melhor jornal de Oklahoma, e que leva o nome da cidade e do Estado, a caçula Maria Helena foi centro de atenções num

encontro com repórter norte-americana e depois figurou na primeira página do caderno comunitário do moderro diário. Certa feita, disse-me o anfitrião Gene Southwick: Como seria bom que todas as famílias se entendessem como as nossas! Uma das condições para alcançar esse clima de entendimento e amizade é ser versado em língua estrangeira, no caso, especificamente, o inglês. Na geração dos netos está viva a aspiração de conhecer outras terras e outras gentes, a partir da fantasia com que Walt Disney atrai e deslumbra. Seis deles já desvendaram o mundo maravilhoso; Fabiana teve, além disso, o privilégio de desfrutar a hospitalidade de família americana durante um ano; sua irmã Juliana apresta-se para cumprir o mesmo programa. Deus seja louvado.

Os dois mundos

Com relação a mim, já completara 36 anos, quando só então se me apresentou a primeira oportunidade de ir aos Eatados Unidos. Alegria esfusiante dominou-me ao receber o convite oficial. Acordava à noite e a obsessão da viagem dominava. E ficava a imaginar-me atravessando a 5ª Avenida, a mais famosa da cidade tentacular de New York.

De volta, curiosidade aguçada pela disparidade de vida que encontrara, perguntava a um colega de jornal, já então ilustrado, o consócio Abelardo Montenegro, o porquê dessa situação. Araripe, respondeu-me ele, leia Viana Moog, Manoel Bonfim e Leôncio Basbaum. Muitas luzes deitam esses e outros livros sobre métodos de colonização, estrutura demográfica, processo educacional, correntes migratórias, sentimentos religiosos, filosofia empresarial, aspectos geográficos. Infelizmente, os diagnósticos são feitos, os males identificados, a correção de rumos, porém, fica para dia de são nunca. Monteiro Lobato, em carta a Aureliano Leite, proclamara: "Podemos definir o Brasil como a terra onde não se aproveitam as lições."

Nessa época, 1957, *Gato preto em campo de neve*, de Érico Veríssimo, alcançara a 10ª edição, e *A Volta do gato preto*, a 4ª. Dois best-sellers que se liam com prazer e enlevo. Inovara no gênero. Uma das mais valiosas contribuições para estreitar o relacionamento entre o Brasil e os Estados Unidos, com projeções pertinentes que levavam na direção de respostas imediatas à indagação que formulara.

O autor de *O escândalo do petróleo* e de monumentos literários, como *Urupês*, tece os mais entusiásticos elogios a *Gato preto em campo de neve*. Carta que Monteiro Lobato enviou a Érico Veríssimo, em janeiro de 1942, exalta o escritor, a sinceridade com que procede, o estilo vigoroso e cristalino, o maravilhoso romancista que é. Destaco este trecho: "Eu considero os Estados Unidos como uma dessas famosas composições mnsicais que são impostas a todos os grandes executantes a fim de tirar a prova dos noves do seu valor real, a rapsódia húngara de Liszt, certas fugas de Bach. Se o bicho não revela excepcional habilidade, naufraga. O grande tema do mundo de hoje, para todos os artistas, é a rapsódia dos gandes gênios da música política, George Washington e Abraão Lincoln. E você, meu arquiamado Veríssimo a executou como ninguém".

Dias atrás, li na *Folha de São Paulo* entrevista do escritor Paul Auster, autor de vários livros, entre eles, o récem-publicado *Leviatão*, que vem provocando furor e controvérsias. Suas estas palavras: "Não posso nunca dizer apenas uma coisa sobre os Estados Unidos. Sempre que alguém dá uma declaração sobre os EUA, você pode pensar em algo que contradiga essa declaração. É isso que faz o país ser interessante. É muito grande e muito variado para haver apenas uma opinião. É um lugar de grande hipocrisia e paranóia, como você diz (refere-se ao repórter). Ao mesmo tempo, é um lugar maravilhoso, ainda a maior esperença no mundo de que as pessoas possam viver bem, em um tipo de harmonia, protegidos pela lei. Essas duas forças estiveram ativas neste país desde o início. As trevas e a luz, o bem e o mal. Estão em guerra permanente. Nenhum dos lados venceu. Toda vez que você pensa que os Estados Unidos acabaram de vez, algo acontece e mostra que isso não é verdade."

O Desafio de Hoje

Insisti nas colocações acima feitas e na invocação de opiniões, como as que foram expostas, porque convém não radicalizarmos defendendo posições ultrapassadas. Precisamos advertir-nos que os ventos da mudança são irresistíveis e que não basta vivermos no tempo, torna-se imperioso que vivamos o tempo que passa e nos apercebamos de que estamos no alvorecer de uma época em que a

América deverá formar um grande mercado comum. Do contrário, soçobrará no confronto com a Comunidade Econômica Européia em pleno apongeu; o Japão expandindo o domínio industrial e tecnológico; a China crescendo a uma taxa superior a 10% ao ano; o Leste Europeu abrindo-se aos investimentos do Ocidente, os Tigres da Ásia (Coréia do Sul, Formosa, Hong-Kong e Singapura) experimentando extraordinário progresso.

Temo-nos empenhado, através dos anos, em uma obra ingente, que é pioneira, de assegurar a unidade das Américas. Indiscutíveis, os êxitos alcançados, tanto que subsiste, apesar de freqüentes contratempos, uma estrutura jurídico-política na Organização dos Estados Americanos.

Os fatos têm evidenciado, porém, que os caminhos que vimos percorrendo não nos levarão ao porto almejado. É que, sobretudo nos últimos anos, ficou patente esta verdade: os fatores econômicos e sociais é que comandam os acontecimentos de hoje.

Os acordos políticos e diplomáticos não prevalecerão no confronto com as graves tensões de um mundo angustiado. Tendem ao deterioramento, para anular-se mais cedo do que se supõe.

Até mesmo nos encontros de cúpula já se observa este fenômeno altamente significativo: só se registra concordância geral quando se cogita de enfrentar o grande desafio do século – o subdesenvolvimento.

Impõe-se que invertamos, sem vacilações, a ordem de prioridades dos problemas. Em outras palavras, coloquemos em primeiro plano as questões de natureza econômica e social e a elas devotemos o empenho maior de que formos capazes.

E, quando se fala em combate ao subdesenvolvimento, está compreendido, implicitamente, integração continental. Não há outra opção. É a opinião indefectível dos mais lúcidos analistas.

Não se prega subserviência, o que se propõe é parceria. Grandes e pequenos, ricos e pobres, lado a lado, têm papel a desempenhar, num mundo onde se acentua a interdependência. A fabulação La Fontaine já não correspondo à realidade recriada pelo milagre da eletrônica na consciência do homem, sensibilidade aguçada pela instantaneidade da informação, por isso mesmo, a comover-se e

agitar-se diante dos dramas que chocam e confrangem.

Há 50 anos, o IBEU começou a levantar a cortina do isolacionismo para servir à causa da democracia. Hoje, deverá ser mais um instrumento de integração continental a serviço do desenvolvimento. Com atraso, descobrimos que o turismo é uma riqueza incomensurável e fator de conhecimento e aproximação. Compreender-se-ia o turismo sem o domínio de língua estrangeira? Sem o espanhol, que os nossos vizinhos falam, e o inglês, que é a porta mágica universal?

Érico Veríssimo, que esteve em Fortaleza em 1951 e proferiu conferência no IBEU falando na Universidade da Califórnia, teve estas palavras oraculares:

> *"Um sociólogo vosso compatriota comparou a humanidade com um grupo de homens com lanternas acesas a buscar um caminho através de escura e incomensurável floresta. Sim, a imagem é quase perfeita. Digo quase porque lhe faço uma objeção. Não devemos esquecer que muitos dos componentes desse grupo se recusam a cooperar, por pessimismo, egoísmo, preguiça ou simples estupidez. E há também os malvados, os que preferem riscar fósforos e deitar fogo à floresta.*
>
> *"O que importa, meus amigos, é manter acesas nossas lanternas e continuarmos à procura do caminho para a liberdade e para uma vida melhor."*

(Conferências proferida na sessão solene de 5 de agosto de 1993, na homenagem do Instituto do Ceará ao IBEU, na transcorrência do seu cinqüentenário de fundação).

Bibliografia

Carvalho, Bernardo. Paul Austor disseca mal-estar americano. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 2 jul., 1993. Caderno 4, p. 1

La Fontaine. Le Pot de Terre et le Pot de Fer, *Fables*. 35 ed. Paris, J. Gigord, 1949. p.113–114.

Nunes, Cassiano (Coord.) *Monteiro Lobato vivo*. Rio de Janeiro: MPM Propaganda: Record, 1986. p. 64; p. 67

PRADO, Eduardo. *A ilusão americana*. São Paulo, Brasiliense, 1961. 194 p.

VERÍSSIMO, Érico. *Gato preto em campo de neve*. 10.ed. Rio de Janeiro, Globo, 1957. 420 p.

VERÍSSIMO, Érico. *A volta do gato preto*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Globo, 1957. 440 p.

Obs.: O agradecimento foi feito de improviso, pelo Presidente do IBEU, Prof. Dr. Luís Queiroz Campos.